

FERNANDO PRESTES MOTTA: EM BUSCA DE UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DAS ORGANIZAÇÕES

Ana Paula Paes de Paula *

Algumas perdas são irrecuperáveis e este é o caso da morte de Fernando Cláudio Prestes Motta, que ao lado de Alberto Guerreiro Ramos e Maurício Tragtenberg, completa uma singular tríade de estudiosos que comungam de uma visão crítica e não instrumental das organizações. A análise dos seus livros e artigos nos permite acompanhar a evolução do seu pensamento, que caminha do marxismo para a psicanálise e da crítica da racionalização burocrática para a centralidade da psique humana no estudo dos fenômenos organizacionais.

Assim, ao longo de sua obra, Prestes Motta realiza uma auto-crítica de sua leitura marxista e weberiana das organizações, admitindo que estes suportes teóricos não incluem a psique individual e coletiva, que gradativamente se tornaram centrais em suas análises das organizações. Em seus escritos mais antigos, é possível perceber que sua leitura marxista tinha um viés gramsciano, ou seja, não se restringia às questões econômicas (estrutura), incluindo as dimensões cultural, intelectual e moral em suas análises (superestrutura). Além disso, mesmo nos textos dirigidos para a análise da racionalização burocrática, Prestes Motta cita referenciais como Pagès, Gaujelac, Bonetti, Descendre e Foucault, que são surpreendentes para a época em que foram escritos, indicando sua afinidade com outros aportes teóricos e modelos de interpretação como a cultura e o simbolismo organizacional e a abordagem psicanalítica.

Sua aproximação da psicanálise se mostra, principalmente, nos artigos "Redes organizacionais e Estado amplo" (1987), "Organizações: vínculo e imagem" (1991), "Associação contra a hierarquia" (1994), "A organização como religião laica" e "Os pressupostos básicos de Schein e a fronteira entre a psicanálise e a cultura organizacional" (2000). Nestes textos, Prestes Motta recorre aos mencionados autores de língua francesa e, também, resgata as obras sociológicas de Sigmund Freud, além dos escritos de Enriquez. Conforme pude presenciar, assistindo como ouvinte seu curso "Comportamento Organizacional", ministrado no primeiro semestre de 2003 para os programas de Mestrado e Doutorado da EAESP-FGV, Prestes Motta apostava na abordagem psicanalítica como alternativa para analisar as organizações.

Na sua visão, tradicionalmente a análise das organizações vinha incorporando noções sociológicas advindas, principalmente, de vertentes funcionalistas, as quais possuem uma visão instrumental das realidades sociais, ou vertentes fundadas nas visões clássicas da ciência política, como o marxismo e as leituras weberianas. No caso do marxismo, a abordagem é permeada por um viés que tende a associar o comportamento dos grupos e das organizações aos condicionantes sócio-econômicos. No caso das leituras weberianas, analisa-se, essencialmente, as organizações segundo o modelo burocrático e o modo como este condiciona o comportamento dos indivíduos e dos grupos.

Para Prestes Motta, a crítica de Freud se dirige justamente para estas noções sociológicas que não levam em consideração o psiquismo individual e coletivo. Seria a partir de sua crítica que haveria possibilidade de se pensar uma abordagem psicanalítica da análise organizacional. Na visão de Freud, a alteridade,

* *Profª UFMG*

que implica em reconhecer o outro na sua singularidade e mostrar-se para os outros em nossa diferença e unicidade, deveria ser a base das ciências sociais. Assim, uma sociologia que incorpora a abordagem psicanalítica deve romper com a visão totalizante dos grupos e indivíduos e levar em consideração: o comportamento dos sujeitos no grupo, o grau de consciência individual em relação aos problemas, a percepção que cada indivíduo tem da realidade na qual se encontra e os conflitos e consensos partilhados. Diante disso, Prestes Motta pregava que a aplicação da abordagem psicanalítica à análise organizacional envolvia o desenvolvimento e adaptação de ferramentas psicanalíticas para analisar a essência de cada indivíduo na organização, o comportamento dos indivíduos nos grupos e o comportamento dos grupos na organização.

Era este o estágio no qual se encontrava o pensamento de Fernando Cláudio Prestes Motta às vésperas de sua partida. Como este pretendia dar continuidade a sua obra? Recordo-me que ele reconhecia as dificuldades de lidar com a abordagem psicanalítica e manifestava sua insatisfação com os resultados das análises que realizou neste campo: era notório que Prestes Motta estava enfrentando uma daquelas crises que costumam acometer os intelectuais, mas que fazem parte de seu processo de maturação. Apesar disso, nos seus últimos meses de vida, ele parecia estar entrando em uma nova fase e se mostrava animado com a possibilidade de dar continuidade ao seu trabalho. Lembro-me do seu desejo de terminar a leitura de Boltanski e Chiapello (1999), bem como de seu entusiasmo com os teóricos organizacionais de língua francesa, com o resgate da teoria sociológica para os estudos organizacionais e com a abordagem crítica das organizações, especialmente partindo de Michel Foucault e dos brasileiros Maurício Tragtenberg e Alberto Guerreiro Ramos.

Possivelmente, desse novo fôlego de leitura e estudos, Prestes Motta retiraria a inspiração para lapidar a abordagem psicanalítica, ou mesmo para abrir novos caminhos na sua obra. Infelizmente, não pudemos colher os frutos desta empreitada. Cabe a nós, portanto, recuperar os seus escritos e dar continuidade ao seu pensamento. Uma possibilidade seria aprofundar os seus estudos sobre o uso da psicanálise para analisar as organizações, como ele faz no último artigo que escreveu, "Meia-Idade, Individuação e Organizações", publicado nesta edição da revista "Organização & Sociedade", do qual sou co-autora.

Nesse artigo, ele retoma a questão do vazio existencial, utilizando como referencial a obra de Jung, em especial o conceito de individuação, aproximando-se da psicologia analítica, em um claro contraponto às leituras freudianas até então realizadas. Não é possível apreender até que ponto Prestes Motta se deixaria influenciar pelo embate entre Freud e Jung, mas emerge aqui um desejo de buscar novos referenciais teóricos na área. Por outro lado, parece haver algo de existencial neste último artigo, expresso em sua preocupação com a vazão do desenvolvimento psíquico na busca da integração ou totalidade, por meio de um desprendimento que seria uma espécie de preparação para morte. Se há aqui uma mensagem, possivelmente está relacionada à compreensão e completude de seu processo de individuação e à serenidade de quem cumpriu em vida a sua missão.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, L; CHIAPELLO, E. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard/NRF: 1999.

PRESTES MOTTA, F. C. Redes organizacionais e Estado amplo. *Revista de Administração de Empresas*, v.27, n.2, p.5-13, abr./jun. 1987.

_____. Organizações: vínculo e imagem. *Revista de Administração de Empresas*, v.31, n.3, p.5-11, jul./set. 1991.

_____. A organização como religião laica. *Organização & Sociedade*, v.8, n.22, set./dez. 2001.

PRESTES MOTTA, F. C.; NETTO, G. C. A associação contra a hierarquia. *Revista de Administração de Empresas*, v.34, n.1, p.20-28, jan./fev. 1994.

PRESTES MOTTA, F. C. Os pressupostos básicos de Schein e a fronteira entre a psicanálise e a cultura organizacional. In: PRESTES MOTTA, F. C.; FREITAS, M. E. *Vida Psíquica e Organização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.